

MORAIS, Regis de. *As Razões do Mito*. Org.
Campinas: Papirus. 1998

De casa – Leitura e anotações de pontos
relevantes e dúvidas.

Texto I – Mares Pequenos – Mares Grandes.
Rubem Alves

MARES PEQUENOS - MARES GRANDES (para começo de conversa)

Rubem Alves *

Quando, à hora de dormir, eu contava estórias para a minha filha, ela me fazia sempre a mesma pergunta:

“— Mas isto que você contou, é verdade?”

E eu não sabia como explicar. Era verdade e não era... Dizia-lhe então que as estórias são como os sonhos. Criaturas de um outro mundo, obscuro e encantado. À noite, quando as luzes se apagam, elas emergem das profundezas escuras do nosso interior, como as estrelas que só aparecem quando o brilho do sol se vai. Ou como bolhas que sobem do fundo da lagoa de Abaeté, e rompem o espelho liso da água da superfície. Não, elas nada sabem do que acontece aqui: nada dizem sobre este mundo de fora em que nos movemos. Mas dizem muito de um mundo de dentro que mexe em nossas entranhas. Estrelas e bolhas são emissárias de outros mundos. São como as ninféias que florescem, brancas, na superfície da água, os segredos de funduras que não vemos, morada de suas raízes.

Nunca soube se ela me entendia. Até que um dia... Bem, foi assim. Estavam mostrando o *E.T.* num cinema. Ela me arrastou. Fui e acabei envolvido pela trama. Ao final ela chorava convulsivamente. O *E.T.* havia retornado ao seu mundo, muito longe. Ficou apenas sua ausência, um buraco onde antes ele havia estado. Este buraco, nós lhe damos o nome de saudade. Quis ir logo para casa para poder chorar direito. Anoitecia. Apareciam as primeiras estrelas no céu. Resolvi brincar de poeta e sugeri que, talvez, numa daquelas estrelas, o *E.T.* estivesse vivendo. O choro melhorou. No dia seguinte resolvi

* Doutor em Teologia e em Filosofia (Universidade de Princeton, USA), professor na UNICAMP e, nesta mesma universidade, Assessor da Reitoria para Assuntos Internacionais.

fazer a mesma coisa, depois do jantar. Mas o céu estava nublado. A estrelinha do E.T. não podia ser vista. Aí resolvi trazer o E.T. dos céus à terra. Apontei para uma árvore e disse:

“— Lá está ele, escondido atrás da árvore.”

E corri em sua direção.

Ela permaneceu impassível.

“— Não seja bobo, papai. O E.T. não existe...”

“— Ah! Não? Então por que foi que você chorou tanto por causa dele?”

“— Mas você não entende?”, ela disse. “Justamente por isto, porque ele não existe.”

Compreendi, então, que ela já sabia o segredo das histórias.

O E.T. não existe. As histórias são falsas.

Mas nós choramos. Por isto são verdadeiras.

As histórias delimitam os contornos de uma grande ausência que mora em nós.

Em outras palavras: elas contam um Desejo.

E todo Desejo é verdadeiro (muito embora o E.T. não exista...)

É isto que dá às palavras das histórias uma leveza toda especial. As palavras da ciência, que dizem a verdade do mundo, são reflexos dentro do espelho. Dançam em perfeito isomorfismo. As imagens, lá dentro, reduplicam as presenças aqui de fora. A isto os filósofos dão o nome de rigor epistemológico. Qualquer imagem que erre o passo é logo descoberta e expulsa de cena.

Mas no mundo encantado das histórias sobre as ausências, as regras são outras. O que se busca não é o reflexo especular, cópia verdadeira. O que se deseja ver são as configurações delineadas pelas bordas dos intervalos, como nos desenhos de Escher, peixes saindo dos intervalos dos gansos, gansos saindo dos intervalos dos peixes. O que é dito circum/escreve uma outra coisa, não dita: escreve pelo avesso, de modo que quem lê a escritura pelo direito, como o fazem os filósofos, cientistas e outras pessoas normais, só pega a mentira. Quem acredita no que o sonho diz foi enganado. É preciso não acreditar, para que ele então revele a verdade que ele dissimula.

Como a pessoa que, à beira do lago, mede a fundura da água pelo tamanho das árvores que se refletem nela, e acaba por concluir que ela é mais funda que as nuvens. E até existe uma história sobre isto: um cachorro que viu, espelhado na água do poço, o pedaço de carne que levava na boca. Gulosos, deixou-o cair, para pegar o outro...

Mas o que a história diz é uma outra coisa do que diz.

Metáfora: isto é aquilo.

Digo isto a fim de dizer aquilo.

Fernando Pessoa: “Eros e Psiquê”.

“Conta a lenda que dormia

Uma Princesa encantada

A quem só despertaria

Um Infante que viria

De além do muro da estrada.”

Feitiço lançado. Tempo parado. Vida congelada pela morte. Enquanto, lá fora, a floresta crescia.

“— Mas terá sido verdade?”

A compreensão não nasce de fora. Bachelard observava que é necessário despertar os sonhos fundamentais. Conta-se a história para fazer sonhar, para se entrar num outro mundo, esquecido.

“A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.”
“Longe, o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela, para ele é ninguém.”

Estranha, esta história que acontece sob o patrocínio do esquecimento. Nada se sabe e, a despeito disto, ela espera, sem saber o quê, e ele procura, sem saber o quê.

“E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.”

Mas como é possível isto, que se chegue ao lugar certo, através de um caminho de falsidade, onde tudo é outro?

"E, inda tonto do que houvera,
A cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra a hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia."
Isto é aquilo.
Falsidade.
A Princesa é o Infante.

Leio o texto, ouço a estória: falam de feitos antigos, acontecidos em terras distantes. Mas não. As idéias do meu corpo não são as idéias de minha cabeça (Barthes). Meu corpo reverbera, treme. "Hoc est corpus meum". A estória é minha. É o meu destino que aparece contado nos intervalos dos feitos.

E é por isto que, a despeito de já a ter ouvido dezenas de vezes, ela pede:

"— Conte de novo."
Minha verdade não termina nunca...
Estranho dizer isto, que as palavras fazem o corpo reverberar.
Nem todas, é claro.

Há palavras que são impotentes. Eunucos. Incapazes de seduzir. Outras, ao contrário, são continuações do nosso corpo. O corpo goza nas palavras (e chora)...

Comecei a aula lendo os versos clássicos de Frost:
"Os bosques são belos, sombrios, fundos.
Mas há muitas promessas a guardar,
e muitas milhas a andar
antes de se poder dormir.
Sim, antes de se poder dormir."
Não sei direito o que estas palavras significam.
Um poema não é o que suas palavras significam.

Por isto que não pode ser dito em prosa, ainda que as palavras sejam exatamente as mesmas.

Um suco de caqui, batido no liquidificador, nada tem a ver com o caqui, redondo, túrgido, transparente, liso, escorregadio, grávido de sugestões...

Nas palavras de Archibald MacLeish,
"A poem should be palpable and mute
as a globed fruit.

A poem should be wordless
as the flight of birds.

A poem should not mean
but be."

Li os versos.

E ouvi alguém que chorava.
Coisa que eu não esperava.
Espantado, perguntei das razões
E me disse que não havia nenhuma.

É que aquelas palavras lhe haviam trazido um sentimento de indizível nostalgia. Indizível. O poema acontece no campo do indizível, um esforço infinito para dizer o que não pode ser dito. Estranho isto: que aquilo que não se entende tenha acesso direto à carne, e a faça chorar ou gozar. "Erótica é a alma" (Adélia Prado). Não é a matéria: são as palavras. Ou mais precisamente: a matéria erotizada pelas palavras. "Les mots font l'amour". E o lugar da cópula, o seu leito nupcial, é precisamente o nosso corpo.

Coisa estranha esta, conhecida dos poetas, dos mágicos, dos místicos, da psicanálise: não somos filhos "nem da carne e nem do sangue". Nascemos de uma alquimia verbal.

"No Princípio é a Palavra..."

Somos palimpsestos, escritura sobre escritura, esquecidas, apagadas, mas indelevelmente gravadas no tecido, prontas a ressurgir, se a encantação correta for feita.

Dentro de cada corpo mora uma escritura.

Estória.

Mais corretamente: escrituras, estórias...

Nos sonhos elas aparecem, pequenos fragmentos de papel, rasgados.

Pedaços de um naufrágio que chegam às obscuras margens da consciência, antes da madrugada. Os fragmentos sugerem odisséias.

Algumas acontecem em pequenos mares, e o barco não se aventura para além de baías e enseadas. Todos os limites estão à vista. O universo é o nosso próprio corpo. E a odisséia que se conta é nossa

própria biografia. A trama se constrói com fragmentos de naufrágios e recortes de jornais que nós mesmos catamos na areia, ao andar pela praia.

Minha estória.

Única.

Nenhuma outra é igual.

Coisas que só eu vi, só eu vivi, só eu sonhei.

A vida se compõe assim: fragmentos que arranjamos em torno de um tema. Este tema se apossa do nosso corpo (pode ser uma melodia, uma imagem, um toque), e as variações vão se repetindo, sempre iguais, sempre diferentes. Às vezes o "script" é trágico. Mas ficamos fiéis a ele, por ser belo. Não é isto que nos faz continuar a ouvir a música que nos corta a alma, a continuar a leitura do livro que nos dilacera? A dor pode ser bela. E parece que estamos destinados à beleza. A se acreditar em mitos maiores, isto é assim porque, antes de termos tido a consciência do bem e do mal, já estávamos enamorados da beleza. No Paraíso não havia ética. Só estética. Ética é o sofrimento de quem perdeu uma felicidade infinita, a luta para descobrir o caminho de volta... Pelo menos, é isto o que nos diz um dos mitos que se recontam.

Nosso corpo, rede à beira mar, recolhe os seus mistérios.

A princípio, estilhaços de caos, turbilhões de água e vento, visões de desintegração que não nos abandonam nunca, ameaças de loucura, além dos diques precários que construímos.

Depois, fragmentos de deuses pequenos, pedaços de pai e mãe, que ajuntamos em figuras inteiras, e colocamos em meio a estrelas, árvores, fontes: um jardim, um mundo onde as coisas acontecem. Assim se forma este corpo onde moram o sonho e o poema. Pois não é esta a intenção latente do sonho? Transformar-se em poema? Fazer com que as imagens sejam arrancadas do seu silêncio para serem compartilhadas na fala?

Corpo, lugar encantado onde moram os emissários da vida, mas também os emissários da morte.

E quando o feitiço acontece, rompe-se a cadeia poética, e a melodia soa como um disco rachado, repetindo a mesma coisa, obsessivamente, possessão demoníaca, e o corpo se transforma num poema interrompido que não chega ao fim. E é por isto que há aqueles que o escutam, a fim de recuperar a estória perdida.

Em cada um mora um mito único que precisa ser aprendido, um de cada vez...

Mas há outros mitos de mares grandes e horizontes sem fim. Como o sentia a Cecília Meireles:

"Foi desde sempre o mar.
E multidões passadas me empurravam
como barco esquecido.

Agora recordo que falavam
da revolta dos ventos,
de linhos, de cordas, de ferros,
de sereias dadas à costa.

E o rosto de meus avós estava caído
pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,
e pelos mares do Norte, duros de gelo.

Então é comigo que falam,
sou eu que devo ir.
Porque não há ninguém,
não, não haverá mais ninguém,
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos.

E tenho de procurar meus tios remotos afogados.
Tenho de levar-lhes redes de rezas,
campos convertidos em velas,
barcas sobrenaturais
com peixes mensageiros
e santos náuticos.

Meu sangue entende-se com essas vozes poderosas.
A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.
Queremos a ilusão grande do mar,
multiplicada em suas malhas de perigo."

Estes mares nos falam de outras origens e de outros destinos. Como são pequenos os mistérios das baías e enseadas que se escondem em meu corpo e nome. Agora, mar aberto, "muitas velas, muitos remos", muitos corpos, uma odisséia comum. "E quilha contra as ondas": a pequena canção-biografia se transforma em sinfonia cósmica em que entramos como parte de um coro de vozes infinitas, onde

se fundem homens, mulheres, deuses, universos. Não estamos sozinhos. Meu destino não é só meu. Meus risos e dores não são confissões solitárias, mas parte de uma tapeçaria que se chama humanidade: Sou Adão e sou Eva, Caim e Abel, Laio, Jocasta e Édipo, Ulisses e Telêmaco...

Não, o mito não diz como as coisas se deram.

O que ele faz é reconstruir a beleza trágica e comovente do destino humano de que todos participamos. E quando os nossos corpos estremecem ao ouvir o coro que canta, sentimos que navegamos juntos...

O mito pequeno tece o meu corpo. Espelho em que contemplo a minha alma. O mito grande amarra os corpos solitários num destino comum.

Falei de beleza trágica.

Mas há outros mitos que vão além da tragédia e apontam para a recuperação do Paraíso. São mitos que devolvem o sorriso e fazem brilhar a esperança.

Lembrei-me da descrição que faz Bachelard da Bíblia de Chagall, na parte em que descreve Amós, o profeta trágico mas que acena com a esperança. O fim que se ameaça pode sempre ser revertido:

"O palácio arde. Chagall desenha Amós sobre um fundo de incêndio. Busco um canto de paz neste mundo em chamas. Um curral permanece vivo no desastre dos palácios. Nele descubro o homem e a mulher tranquilamente adormecidos. Também os carneiros aí repousam em paz. O pastor-profeta sabe que os carneiros preservam os homens dos infortúnios da guerra. Compreendemos então por que, há tanto tempo, encontramos nos desenhos de Marc Chagall carneiros e asnos, esses bons companheiros do homem, que treparam sobre as montanhas das nuvens, acima das montanhas da terra. O universo todo — animais, homens e coisas — tem um destino de elevação. O pintor convida-nos a essa ascensão feliz. O universo — os desenhos de Chagall o provam — tem, para além de todas as misérias, um destino de felicidade. O homem deve reencontrar o Paraíso."

— Papai, é verdade?"

Há pessoas que moram nos sentidos literais, dos reflexos especulares, e por isto mesmo não podem perceber a verdade que mora do outro lado do espelho, nas funduras das águas escuras, de onde brotam as ninféias. E eles só têm uma resposta:

— Não, não é verdade..."

E então a carne chora, sentindo que um pedaço lhe foi arrancado. E já então não mais vale a pena olhar nem no espelho dos mares pequenos e nem no espelho dos mares grandes. Porque sem as estórias de encantamento não mais existe beleza. E num mundo onde não existe beleza a vida deixa de ter sentido.